

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Roraima Class.: Wai-Wai 12

Data: 06/02/94 Pg.: 5

□ Índios Wai-Wai

Um modo de vida ainda pouco conhecido

Pouca coisa se conhece do modo de vida dos Wai-Wai. Foram contatados, catequizados e alfabetizados pelos missionários evangélicos norte-americanos. A FUNAI chegou muito tempo depois, "para arrastá-los", segundo o tuxaua Antonio José da Silva. O que se sabe é que são índios doces, muito conversadores, quando têm confiança no branco, e que são amigos fraternais dos ex-tamirás, violentos e arredios Waimiri-Atroari, que enfrentaram por muitos anos levadas e levadas de civilizados que queriam convencê-los a permitir a passagem da rodovia BR-174 por dentro de suas terras.

"Os Waimiri-Atroari, é, falam isso deles. A gente visita eles mas não é com frequência", explica o tuxaua Wai-Wai. Eles mesmos nunca foram a esses encontros com os Waimiri-Atroari. Essas visitas não mudaram o perfil de docilidade dos Wai-Wai. Ainda bem, caso contrário construir uma hidrelétrica próxima de seus domínios certamente não seria um bom negócio para os índios.

Os Wai-Wai são um povo calmo, tranquilo, sem brigas internas por afirmações de comando ou chefia ou por problemas de sexo, como ocorrem com algumas tribos da Amazônia. Os Waimiri-Atroari, por exemplo, brigam entre si pelo comando interno das suas tribos, os Wai-Wai brigam entre si por causa das mulheres. "Não, na nossa tribo não existe isso", explica Antonio José, um índio forte, saubete, de pele escura queimada do sol, com um olho vazado, que ele conta: "Perdi o olho (o esquerdo) quando pescava. O arco enfiou no fundo do rio. Quando puxei a linha, o arco se soltou e entrou no olho". Ele pensa um dia "consentir o olho".

Fala bem o português, que ele aprendeu em Jataí quando passou lá dois anos com os missionários. Também sabe escrever também e tem uma excelente caligrafia. Ele conta que o Wai-Wai não tem alfabeto, e as coisas são contadas no corpo. Até oez, a partir daí, a gente não conta. Complica".

Antonio José também fala meio arrastado - o inglês, misturado com palavras e tons Wai-Wai. Aprendeu no contato e convivência com os missionários americanos. Eles são bons para os índios? Quis saber o ministro William Penido, das Minas e Energia quando aqui esteve visitando Jataí. "São, a gente aprendeu a ler, a escrever, a falar, a trabalhar", conta ele. Só não quer saber é da FUNAI.

O tuxaua não abandonou a sua tribo em virtude do seu trabalho no canteiro de obras do Jataí. Ele trabalha dois meses e tem direito a cinco dias de folga. "E quando eu vou para a tribo. Se eles têm algum problema, eles vêm aqui e a gente resolve", avisa. Resolve como? "Dou as ordens, os outros se acertam e tudo fica bem". Ele está no Jataí há mais de oito meses, ganhando um salário acima de 40 mil cruzeiros. Ele não diz quanto nem o patrão. "Estou bem aqui, só não gosto porque vivo longe do meu povo, mas é só felgar eu corro para a aldeia".

A LONGEVIDADE WAI-WAI

Os Wai-Wai são um povo que vive bastante, e não é tão nômade como muitas outras tribos da Amazônia. Segundo Antonio José, que parece para ser tuxaua precisou conhecer a fundo a história de sua gente, os Wai-Wai não mudam de terra continuamente. Eles passam muito tempo num mesmo lugar. Foi assim quando deixaram a fronteira de Roraima com a Guiana para ir para as terras do Pará. Lá a sua tribo ficou vinte anos, em suas contas. "Depois nós voltamos pra cá, e estamos no Jataí há mais de dez anos", conta ele. Seus contatos com a civilização datam de mais de cinquenta anos. "Os americanos foram os primeiros a falar conosco", diz ele.

Em média, uma família Wai-Wai tem entre oito a dez pessoas, e cada tribo tem pelo menos cinco tuxauas com as mais diferentes missões e obrigações para proteger a tribo. Sem sua presença constante, Antonio José é substituído pelos outros quatro tuxauas. O ciclo de vida de um Wai-Wai pode chegar a cem anos. "Nós vivemos muito. Meu pai tem mais de 80 anos, meu avô está beirando os cem anos", explica Antonio José, ao não saber dizer as razões dessa longevidade, mas acredita que seja a docilidade de seu povo.

Medindo as palavras, as frases, para não confundir a sua língua nativa com o português, Antonio José vai contando, sob risos, a sua vida e de seu povo ante as perguntas mais estapafúrdias. E a mulher Wai-Wai tem ciúmes, gosta de se embelezar: "Não. Pintar o rosto, botar batom, não. Isso não", afirma com ares de um certo machismo. E por que a mulher Wai-Wai não pode ser tuxaua? Quis saber a doutora Gláucia Maria. "E, se ela quiser, pode ser. Mas ela não quer", insiste ele no tom machista.

E como os Wai-Wai são punidos quando cometem algo de errado? "Se fazem coisas feias, ficam trancados num quarto escuro por algum tempo. Depois a gente solta, depois de curar o erro", diz o tuxaua. A uma pergunta como os Wai-Wai dividem as obrigações dentro de casa, entre o homem e a mulher, Antonio José não pensa duas vezes parecendo conhecer a história de que o homem, quando a mulher tem criança e está de resguardo, é quem fica no quarto tornando contas do bebê. "Nós fazemos a roça de ruba-mos a mata e machado, não temos motosserra, plantamos; a mulher ajuda também na roça, cuida dos filhos, do marido".

E Deus? Quem é Deus para os Wai-Wai? "Só temos um Deus, aquele lá de cima", diz ele, certamente influenciado pelos missionários evangélicos. Eles são religiosos, fazem o culto todos os domingos, um hábito que aprenderam nesse convívio de catequese. Os Wai-Wai

plantam de tudo em suas terras, da banana, passando pela laranja, mamão, abacaxi, arroz, mandioca, feijão, milho. Tiram da floresta o resto para o seu sustento. Caçam com arco e flecha - "quando tem munição, caçamos de espingarda". Colhem da mata a castanha e os frutos silvestres, e fazem um artesanato muito bonito, que eles vendem nas cercanias da BR-210. Tudo que produzem eles vendem e o produto da venda é repartido entre aquelas famílias que produziram. Do produto da venda, eles compram, pela ordem, segundo o ensinamento de Antonio José: roupa, sapato, religio, comida. Depois o sal, o querosene, fósforo. A aldeia Wai-Wai no Jataízinho tem até luz elétrica, fornecida por um gerador pequeno doado pelo governador Otomar Pinto; o combustível, os índios pedem da Paranapanema, a empreiteira do Jataí.

Há um dado interessante entre os Wai-Wai que mostra o grau de politização existente entre eles. Eles votam nas eleições normais. São mais de duzentos eleitores. A grande dificuldade que eles têm para se empregar é a falta de documento de identidade, o certificado de reservista. A FUNAI até pouco tempo exigia que na carteira de identidade, após o nome, fosse colocado a expressão Wai-Wai. Exemplo: Antonio José da Silva Wai-Wai. "Isso não é certo", protesta o tuxaua-tronista.

Na escola dos tuxauas, a política impera. Os conchavos e os esquemas da política tradicional brasileira funcionam entre eles. Um tuxaua é substituído por vários moços ou por alguma família grave. Ele é remido e seu sucessor escolhido por votação. "Votem todos, maninhos, meninas, novos e velhos", explica. Há até, nesses casos, o tradicional corpo-a-corpo dos candidatos a tuxaua.